

1. Plano dos próximos capítulos

Já foram discutidos alguns problemas da percepção fundamental da realidade, da natureza animal humana e da maturação, da linguagem e da formação da personalidade e da sociedade. Tentamos mostrar o *self* desempenhando em todos estes sua função de ajustamento criativo, muitas vezes em situações de emergência e resignação impostas, onde o novo todo criado é “neurótico” e não parece ser, em absoluto, uma obra de ajustamento criativo. De fato, escolhemos discutir principalmente aqueles problemas e situações — por exemplo, a noção de mundo externo, ou de infantil, ou do anti-social — cuja má compreensão tende a obscurecer a verdadeira natureza do *self* tal como o consideramos.

Começemos agora de novo e desenvolvamos de modo mais sistemático nossa noção do *self* e de sua inibição neurótica. Em primeiro lugar, baseando-nos em material do capítulo introdutório, “A Estrutura de Crescimento” (que sugerimos seja relido nessa altura), consideramos o *self* como a função de contatar o presente transiente concreto; indagamos sobre suas propriedades e atividade; e discutimos os três principais sistemas parciais — ego, id e personalidade —, que em circunstâncias específicas parecem ser o *self*. Em seguida, numa crítica de teorias psicológicas diversas, tentamos mostrar por que nossa noção passou despercebida e por que outras concepções incompletas ou errôneas pareceram plausíveis. Então, ex-

planando a atividade do *self* como um processo temporal, discutimos as etapas de pré-contato, contatar, contato final e pós-contato; e isto constitui um relato da natureza do crescimento como ajustamento criativo. Finalmente, após, em primeiro lugar, esclarecermos e tentarmos tornar coerente a análise freudiana costumeira da repressão e da gênese da neurose, explicamos as diversas configurações neuróticas como inibições variadas do processo de contatar o presente.

2. O *self* é o sistema de contatos presentes e o agente de crescimento

Vimos que em qualquer investigação biológica ou sociopsicológica o tema concreto é sempre um campo organismo/ambiente. Não há nenhuma função, de qualquer animal, que seja definível a não ser como função de semelhante campo.¹ A fisiologia orgânica, os pensamentos e as emoções, os objetos e as pessoas são abstrações significativas somente quando identificadas com interações do campo.

1. Isto deveria ser óbvio, mas as abstrações tornaram-se tão entranhadas que é útil insistir no óbvio e assinalar os tipos comuns de erros.

a) Ficar em pé, andar, deitar-se são interações com a gravidade e apoios. A respiração é do ar. Ter uma pele ou invólucro interno ou externo é uma interação com a temperatura, o tempo, os líquidos, as pressões gasosas e sólidas e as densidades osmóticas. A nutrição e o crescimento são assimilações de novos materiais selecionados que são mordidos, mastigados, chupados e digeridos. Em semelhantes casos, contudo, há uma tendência universal a abstrair o "organismo", como em condições em que se diz que um homem "come para ser saudável", sem que recorra à comida; ou que tenta "relaxar" sem descansar na terra; ou que tenta "respirar" sem exalar nem inalar.

b) Toda percepção e todo pensamento são mais do que uma mera resposta, e dirigem-se ao ambiente assim como provêm dele. O visível (o oval de visão) é tocado pelos olhos, é a vista; o sonoro (esferas audíveis) entra em contato com os ouvidos na audição e é contatado por eles. Os "objetos" da visão e da audição existem por meio do interesse, do confronto, da discriminação e da preocupação prática. As causas de mudanças e as formas de permanência são soluções de orientação e manipulação. Em semelhantes casos, entretanto, há uma tendência a abstrair o "ambiente" ou a "realidade" e considerá-los anteriores ao "organismo" — considera-se o estímulo e os fatos como anteriores à resposta e à necessidade.

c) A comunicação, a imitação, o cuidado, a dependência etc. são a natureza social orgânica de determinados animais. A personalidade está formada de relações interpessoais, de atitudes retóricas; e a sociedade, ao contrário, é aglutinada pelas necessidades intrapessoais. A simbiose entre organismo e forças inanimadas é uma interação do campo. As emoções, o interesse e assim por diante são funções de contato, definíveis somente como relações entre necessidades e objetos. Tanto a identificação como a alienação são maneiras de funcionar dentro de um campo. Nesses casos, no entanto, a tendência geral é abstrair tanto o "organismo" como o "ambiente" de modo isolado, e recombina-los secundariamente.

O campo como um todo tende a se completar, a atingir o equilíbrio mais simples possível para aquele nível de campo. Contudo, já que as condições estão sempre mudando, o equilíbrio parcial obtido é sempre inusitado; é preciso crescer para chegar a ele. Um organismo preserva-se somente pelo crescimento. A autopreservação e o crescimento são pólos, porque é somente o que se preserva que pode crescer pela assimilação, e é somente o que continuamente assimila a novidade que pode se preservar e não se degenerar. Desse modo, os materiais e a energia do crescimento são: o esforço conservativo do organismo de permanecer como é; o ambiente novo; a destruição de equilíbrios parciais anteriores e a assimilação de algo novo.

Contatar é, em geral, o crescimento do organismo. Pelo contato que re-mos dizer a obtenção de comida e sua ingestão, amar e fazer amor, agredir, entrar em conflito, comunicar, perceber, aprender, locomover-se, a técnica e em geral toda função que tenha de ser considerada primordialmente como acontecendo na fronteira, num campo organismo/ambiente.

Chamamos *self* ao sistema complexo de contatos necessário ao ajustamento no campo imbricado. O *self* pode ser considerado como estando na fronteira do organismo, mas a própria fronteira não está isolada do ambiente; entra em contato com este; e pertence a ambos, ao ambiente e ao organismo. O contato é o tato tocando alguma coisa. Não se deve pensar o *self* como uma instituição fixada; ele existe onde quer que haja de fato uma interação de fronteira, e sempre que esta existir. Parafraseando Aristóteles, "quando se aperta o polegar, o *self* existe no polegar dolorido".

(Desse modo, supondo que, ao nos concentrar em nosso rosto, sentimos que este é uma máscara, então nos perguntamos qual é nosso rosto "genuíno". Mas tal pergunta é absurda, porque nosso rosto genuíno é uma resposta a alguma situação presente: se há perigo, nosso rosto verdadeiro é o pavor; se há algo interessante, é um rosto interessado etc. O rosto genuíno subjacente a um rosto que sentimos ser uma máscara seria a resposta a uma situação que se manteve inconsciente; e é essa realidade, de manter algo na inconsciência, que é expressa pela máscara: porque a máscara é então o rosto genuíno.² Assim, o conselho que diz "seja você mesmo", frequentemente ministrado por terapeutas, é um tanto absurdo; o que se quer dizer com ele é "entre em contato com a realidade", porque o *self* é somente esse contato.)

O *self*, o sistema de contatos, integra sempre funções perceptivo-proprioceptivas, funções motor-musculares e necessidades orgânicas. É consciente e orienta, agride e manipula, e sente emocionalmente a adequação entre ambiente e organismo. Não há boa percepção que não envolva a muscularidade e a necessidade orgânica; uma figura percebida não é vivida e nítida a não ser que estejamos interessados nela, concentremo-nos nela e

2. O rosto exprime: "Sou aquele que não quer sentir" ou "Quero ocultar o que sinto".

a examinemos. De modo análogo, não há graça ou destreza de movimentos sem o interesse e a propriocepção dos músculos e uma percepção do ambiente. E a excitação orgânica se expressa, torna-se significativa, precisamente ao emprestar ritmo e movimento aos objetos da percepção, como é óbvio em música. Expressando isso de outra maneira: é o órgão sensorial que percebe, é o músculo que se movimenta, é o órgão vegetativo que sofre de um excedente ou de um déficit; mas é o organismo-como-um-todo em contato com o ambiente que é consciente, manipula e sente.

Essa integração não é ociosa; é um ajustamento criativo. Em situações de contato, o *self* é a força que forma a gestalt no campo; ou melhor, o *self* é o processo de figura/fundo em situações de contato. A sensação desse processo formativo, a relação dinâmica entre o fundo e a figura é o excitamento: este é o sentimento da formação da figura-fundo em situações de contato, à medida que a situação inacabada tende a seu completamento. De forma inversa, visto que o *self* existe não como uma instituição fixa, mas especialmente como processo de ajustamento a problemas mais intensos e difíceis, quando essas situações estão inertes ou se aproximam de um equilíbrio, o *self* é reduzido. O mesmo se dá no sono ou em qualquer crescimento à medida que se aproxima da assimilação. Na obtenção de comida, a fome, a imaginação, o movimento, a seleção e o ato de comer estão cheios de *self*; a deglutição, a digestão e a assimilação se dão com menos *self* ou sem nenhum. Ou igualmente no contato por proximidade de superfícies carregadas, como no amor: o desejo, a aproximação, o ato de tocar e a liberação total de energias estão cheios de *self*, e o fluxo subsequente ocorre com um *self* diminuído. Ou ainda também nos conflitos: a destruição e a aniquilação estão cheios de *self*, a identificação e a alienação ocorrem com um *self* diminuído. Em resumo, onde há mais conflito, contato e figura/fundo, há mais *self*; onde há "confluência" (fluir junto), isolamento ou equilíbrio, há um *self* diminuído.

O *self* existe onde estão as fronteiras móveis do contato. As áreas de contato podem ser restritas, como nas neuroses, mas onde quer que haja uma fronteira e o contato ocorra, este é, nessa medida, um *self* criativo.

3. O *self* como realização do potencial

O presente é uma passagem do passado em direção ao futuro, e esses tempos são as etapas de um ato do *self* à medida que entra em contato com a realidade (é provável que a experiência metafísica do tempo seja primordialmente uma leitura do funcionamento do *self*). O que é importante observar é que a realidade com a qual se entra em contato não é uma condição "objetiva" imutável que é apropriada, mas uma potencialidade que no contato se torna concreta.

O passado é o que não muda e é essencialmente imutável. Desse modo, as abstrações e a "realidade" abstrata imutável são construções da experiência passada fixada. Condições reais essencialmente "externas" são experienciadas não como sendo imutáveis, mas como sendo continuamente renovadas da mesma maneira. Ao concentrar-se a *awareness* na situação concreta, essa preteridade da situação se dá como sendo o estado do organismo e do ambiente; mas de imediato, no instante mesmo da concentração, o conhecido imutável está se dissolvendo em muitas possibilidades e é visto como uma potencialidade. À medida que a concentração prossegue, essas possibilidades são retransformadas em uma nova figura que emerge do fundo da potencialidade: o *self* se percebe identificando-se com algumas das possibilidades e alienando outras. O futuro, o porvir, é o caráter direcionado desse processo a partir das muitas possibilidades em direção a uma nova figura única.

(Devemos assinalar que há uma experiência plena de contato de um estado objetivo "imutável" de um "objeto". Esta é a experiência da observação concentrada de alguma coisa, na qual adotamos uma atitude de confrontar e examinar a coisa, mas nos abtemos de intervir nela ou ajustá-la de qualquer modo. Obviamente, a capacidade de adotar essa atitude com um Eros ativo é o que faz um grande naturalista, como Darwin, que costumava olhar fascinado para uma flor durante horas.)

Diz-se que inibição do *self* na neurose é uma incapacidade de conceber a situação como estando em mutação ou sofrendo outro processo; a neurose é uma fixação no passado que não muda. Isto é verdadeiro, mas a função do *self* é mais do que o processo de aceitar as possibilidades; é também a identificação e a alienação destas, o criativo alcançando uma nova figura; é diferenciar entre as "respostas obsoletas" e o comportamento novo e único que é exigido.

Aqui podemos observar de novo como o conselho habitual "Seja você mesmo" é desorientador, porque o *self* só pode ser sentido como uma potencialidade; qualquer outra coisa mais definida tem de surgir no comportamento concreto. A ansiedade causada por esse conselho é o medo do vazio e da confusão de um papel tão indefinido; o neurótico sente que ele então não tem valor algum em comparação com algum conceito presunçoso de seu ego; e subjacente está o pavor do comportamento reprimido que poderia emergir do vazio.

4. Propriedades do *self*

O *self* é espontâneo — nem ativo, nem passivo — (como fundamento da ação e da paixão) e engajado na sua situação (como Eu, Tu e Issô). Con-

do algumas de suas faculdades ao mesmo tempo em que exercita livremente as restantes; desse modo, mencionamos numerosas estruturas neuróticas, e acabamos de aludir anteriormente à estrutura nas observações naturais, e assim por diante. O tema de uma psicologia formal seria a classificação, descrição e análise exaustivas das estruturas possíveis do *self* (este é o tema da fenomenologia).

Para nossos propósitos, vamos discutir brevemente três dessas estruturas do *self* — o Ego, o Id e a Personalidade — porque, por razões diversas de tipo de pacientes e de métodos de terapia, essas três estruturas parciais foram consideradas nas teorias da psicologia anormal como sendo a função total do *self*.

Enquanto aspectos do *self* num ato simples espontâneo, o Id, o Ego e a Personalidade são as etapas principais de ajustamento criativo: o Id é o fundo determinado que se dissolve em suas possibilidades, incluindo as excitações orgânicas e as situações passadas inacabadas que se tornam conscientes, o ambiente percebido de maneira vaga e os sentimentos incipientes que conectam o organismo e o ambiente. O Ego é a identificação progressiva com as possibilidades e a alienação destas, a limitação e a intensificação do contato em andamento, incluindo o comportamento motor, a agressão, a orientação e a manipulação. A Personalidade é a figura criada na qual o *self* se transforma e assimila ao organismo, unindo-a com os resultados de um crescimento anterior. Obviamente, tudo isso é somente o próprio processo de figura/fundo, e em um caso simples assim não há necessidade de dignificar as etapas com nomes especiais.

6. O Ego

Uma experiência saudável mais corrente, contudo, é a seguinte: estamos relaxados, há muitos interesses possíveis, todos aceitos e todos bastante vagos — o *self* é uma “gestalt fraca”. Então um interesse assume a dominância e as forças se mobilizam de modo espontâneo, determinadas imagens se avivam e as respostas motoras são iniciadas. Nessa altura, com muita frequência também se requer determinadas exclusões e escolhas deliberadas (assim como se requer as dominâncias espontâneas onde interesses possíveis rivais cederam por conta própria). É necessário prestar atenção assim como estar atento, fazer um orçamento de nosso tempo e nossos recursos, mobilizar meios que não são em si mesmos interessantes, e assim por diante. Isto é, limitações deliberadas são impostas no funcionamento total do *self*, e a identificação e a alienação prosseguem de acordo com esses limites. Não obstante, durante esse interveniente período de concentração deliberada, a espontaneidade está difundida no fundo, no ato criativo

de deliberação e no excitamento crescente no primeiro plano. E, finalmente, no clímax do excitamento, a deliberação é relaxada e a satisfação torna-se novamente espontânea.

Nessa experiência corrente, o que é a *autoconsciência* do Ego, o sistema de identificações? É deliberada, de modo ativo, sensorialmente alerta e motoricamente agressiva, e consciente de si própria como estando isolada da sua situação.

A deliberação saudável é a restrição consciente de determinados interesses, percepções e movimentos para concentrar a atenção em outra parte com uma unidade mais simples. A percepção e a propriocepção são restringidas ao “não se perceber”; por exemplo, a atenção pode ser desviada motoricamente, ou se uma excitação orgânica se inibe, o objeto percebido perde vividez. Os implusos motores podem ser entravados por impulsos motores rivais. As excitações podem ser inibidas por meio de seu isolamento, ao não se lhes dar objetos que as intensifiquem e as incitem, nem iniciativa muscular para que ganhem impulso. (Enquanto isso, naturalmente, o interesse escolhido está se desenvolvendo e ganhando excitamento.)

Bem, esses mecanismos produzem necessariamente uma sensação de estar “ativo”, de estar fazendo a experiência, porque o *self* está identificado com o interesse ativo selecionado, e dá a impressão, a partir desse centro, de ser um agente extrínseco no campo. A abordagem no ambiente é percebida como uma agressão ativa em lugar de ser percebida como algo em que nos transformamos pelo crescimento, porque aqui mais uma vez a realidade não é enfrentada de acordo com sua vividez espontânea, mas é selecionada ou excluída de acordo com o interesse com o qual nos identificamos. Temos a sensação de estar produzindo a situação. Os meios são selecionados puramente como meios, de acordo com o conhecimento prévio de situações semelhantes: temos então a sensação de usar e dominar em lugar de descobrir-e-inventar. Os sentidos estão alertas, de prontidão, em lugar de estarem “encontrando” ou “respondendo”.

Há um grau elevado de abstração a partir da unidade perceptivo-motórico-afetiva e do campo total. (A abstração, como dissemos, é uma fixação de determinadas partes para que outras possam movimentar-se e ser o primeiro plano.) O plano, os meios e o objetivo estão separados entre si. Essas abstrações se combinam numa unidade mais estrita, mais simples.

Finalmente, uma abstração importante que é percebida como real na situação de deliberação é o próprio Ego: porque a necessidade orgânica se restringe ao objetivo, e a percepção é controlada, e o ambiente não é contado como sendo o pólo de nossa existência, mas é mantido a distância como sendo “o mundo externo”, com relação ao qual somos um agente extrínseco. O que é percebido como próximo é a unidade de objetivo, orientação, meios, controle etc. e isto é precisamente o próprio ator, o ego. Mas toda teorização,

e em particular a introspecção, é deliberada, restritiva e abstrativa; desse modo, ao teorizar sobre o *self*, particularmente a partir de introspecções, é o Ego que assoma como estrutura central do *self*. Temos consciência de nós mesmos num isolamento determinado, e nem sempre em contato com alguma outra coisa. O exercício da vontade e o exercício de nossa técnica impressionam por sua energia aparente. Além disso, há o seguinte fator neurótico importante: atos de deliberação se repetem continuamente no apaziguamento de situações inacabadas, de modo que esse hábito do *self* se imprime na memória como sendo o sentimento penetrante do *self*, enquanto contatos espontâneos tendem a acabar a situação e a ser esquecidos. De qualquer modo, o fato é que nas teorias psicanalíticas ortodoxas da consciência é o Ego e não o *self* que se torna central (como discutiremos detalhadamente no próximo capítulo).

Isto é, num mundo paradisíaco de identificações e alienações espontâneas sem restrição deliberada, o Ego seria meramente uma etapa da função do *self*. E mesmo que se observe somente o comportamento, o Ego ainda assim não se agiganta, mesmo quando há muita deliberação. Porém, em qualquer teoria introspectiva ele necessariamente se agiganta enormemente; e, em circunstâncias em que o sujeito é neurótico, nada mais existe na consciência a não ser o Ego deliberado.

7. O Id

Para o teórico freudiano ortodoxo, entretanto, as enunciações conscientes do paciente neurótico contam muito pouco; observa-se que falta energia a seus esforços deliberados. Em lugar destes, o teórico dirige-se ao extremo oposto e descobre que a parte importante e ativa do aparato "mental" é o Id; mas o Id é essencialmente "inconsciente": a introspecção não nos diz nada a seu respeito; pode-se observá-lo no comportamento, inclusive no comportamento verbal, ao qual só se liga uma consciência rudimentar. Essa noção das propriedades do Id é naturalmente uma consequência do método de terapia: o paciente relaxado e a livre associação, e os significados criados pela atenção não do paciente mas do terapeuta (ver capítulo 7, itens 4 e ss).

Consideremos, contudo, em vez disso, a estrutura do *self* no relaxamento consciente habitual. A situação é que, para descansar, o *self* suspende a prontidão sensorial e afrouxa os músculos do tônus mediano. O Id então surge como sendo passivo, disperso e irracional; seus conteúdos são alucinatórios e o corpo se agiganta enormemente.

A sensação de passividade vem do ato de aceitar sem compromisso. Desejando descansar, o *self* não vai reanimar e encenar o impulso; a inicia-

ção motora está completamente inibida. Um após outro os sinais momentâneos assumem a dominância e decaem, pois são contatados ulteriormente. Para o pequeno centro de atividade introspectiva, essas possibilidades parecem ser "impressões" que nos são dadas e infligidas.

As imagens que ocorrem tendem a ser alucinatórias, objetos reais e incidentes dramáticos inteiros contatados com um mínimo de dispêndio de esforço; por exemplo, as imagens hipnagógicas ou as fantasias na masturbação. Sua energia provém de situações inacabadas de tipo tal que são satisfeitas pela agitação da própria fronteira de contato (ver capítulo 3, item 7). Porque se as situações orgânicas inacabadas são instigantes, então o descanso é impossível: a tentativa de impô-lo resulta em insônia, inquietação etc.; mas se estas forem fracas (com relação ao cansaço do dia), elas poderão ser mais ou menos gratificadas pela alucinação. A sexualidade passiva da masturbação combina essas fantasias passivas com uma auto-agressão ativa, que apazigua a necessidade de resposta motora.

O *self* parece disperso, e está realmente desintegrando-se e desaparecendo na mera potencialidade, porque ele existe, é realizado, pelo processo de contato. Já que tanto a orientação sensorial quanto a manipulação motora estão inibidas, nada tem "sentido" e os conteúdos parecem misteriosos. Contrastando Ego, *Self* e Id: o Ego deliberado tem a unidade abstrata estrita de visar um objetivo e excluir distrações; a espontaneidade tem a unidade concreta flexível de crescer, de compromisso e de aceitar as distrações como passíveis atrações; e o relaxamento é desintegrar, e é unificado somente pela sensação volumosa do corpo.

O corpo aparece agigantado porque, com o sentido e o movimento suspensos, as propriocepções usurpam o campo. Estas foram suprimidas deliberadamente; liberadas agora, elas inundam a *awareness*. Se elas não proporcionarem um centro de atenção concentrada instigante, adormeceremos.

8. A Personalidade

A Personalidade na qualidade de estrutura do *self* é também em grande parte descoberta-e-inventada no próprio procedimento analítico, particularmente quando o método é a interpretação e correção das relações interpessoais. A Personalidade é o sistema de atitudes adotadas nas relações interpessoais; é a admissão do que somos, que serve de fundamento pelo qual poderíamos explicar nosso comportamento, se nos pedissem uma explicação. Quando o comportamento interpessoal é neurótico, a personalidade consiste em alguns conceitos errôneos a respeito de nós próprios, introjetos, ideais de ego, máscaras etc. Mas, quando a terapia é concluída (e o mesmo vale para qualquer método terapêutico), a Personalidade é uma

espécie de estrutura de atitudes, por nós compreendidas, que podem ser empregadas em todo tipo de comportamento interpessoal. Na natureza do caso, esta é a realização máxima de uma entrevista psicanalítica; e a consequência é que a estrutura "livre" obtida desse modo é considerada pelos teóricos como sendo o *self*. Contudo, a Personalidade é essencialmente uma réplica verbal do *self*; é o que responde a uma indagação ou a uma auto-indagação. É característico dos teóricos interpessoais o fato de que tenham pouco a dizer sobre o funcionamento orgânico, a sexualidade, as fantasias obscuras ou ainda sobre a elaboração técnica de materiais físicos, porquanto todos esses não são primitivamente objetos de explicação.

Qual é a autoconsciência da Personalidade, já que falamos da autoconsciência do Ego e do Id? Ela é autônoma, responsável e se autoconhece inteiramente no desempenho de um papel definido na situação concreta.

A autonomia não deve ser confundida com a espontaneidade. A autonomia é escolher livremente, e tem sempre um sentido de desprendimento primário seguido de compromisso. A liberdade é proporcionada pelo fato de que a base da atividade já foi obtida: nos comprometemos de acordo com o que somos, isto é, com o que nos tornamos. Contudo, o ponto equidistante dos extremos da espontaneidade não tem o luxo dessa liberdade, nem o sentimento de segurança que vem de saber o que somos e onde estamos, e de sermos capazes de nos engajar ou não; estamos engajados e somos levados, não a despeito de nós mesmos, mas para além de nós mesmos. A autonomia é menos extrinsecamente ativa do que a deliberação e naturalmente menos extrinsecamente passiva que o relaxamento — porque é na nossa própria situação que nos engajamos de acordo com nosso papel; não estamos trabalhando em alguma outra coisa, e nem somos trabalhados por outra coisa; portanto, pensa-se que a personalidade livre é espontânea e equidistante dos extremos (nem ativa, nem passiva). Contudo, no comportamento espontâneo tudo é novidade e se torna progressivamente nosso; na autonomia, o comportamento é nosso porque em princípio já foi consumado e assimilado. A "situação concreta" não é em realidade nova, mas sim uma imagem espelhada da Personalidade — desse modo, sabe-se que a situação é nossa e estamos seguros.

A Personalidade é transparente, é inteiramente conhecida, porque é o sistema do que foi reconhecido (em terapia, é a estrutura de todas as descobertas do tipo "ah, saquei!"). O *self* não é, em absoluto, transparente nesse sentido — embora seja consciente e possa se orientar — porque sua consciência de *self* é em termos do outro na situação concreta.

Da mesma maneira, a Personalidade é responsável e pode se responsabilizar num sentido em que o *self* criativo não consegue. Porque a responsabilidade é o preenchimento de um contrato; faz-se um contrato de acordo com o que se é, e a responsabilidade é a consistência adicional de compor-

tamento nesse âmbito. Contudo, a criatividade pura não pode entrar num contrato dessa maneira: sua consistência passa a existir à medida que se desenvolve. Dessa forma, a Personalidade é a estrutura responsável do *self*. Para dar o que não é tanto uma analogia quanto um exemplo: um poeta, reconhecendo o tipo de situação e o tipo de atitude de comunicação que se faz necessária, poderá fazer um contrato de escrever um soneto, e preenche de forma responsável essa forma métrica; contudo, ele cria as imagens, o ritmo emocional, o significado, à medida que entra em contato cada vez mais intimamente com a fala.